



# O TRIPEIRO

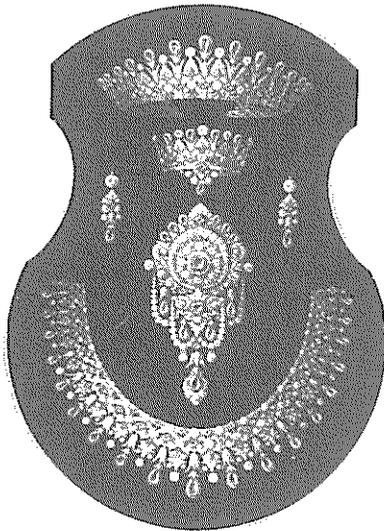


PORTE  
PAGO

Director: Eng.º Francisco de Almeida e Sousa • Propriedade: Associação Comercial do Porto • Administração: Associação Comercial do Porto

Sede: Palácio da Bolsa — Rua Ferreira Borges — Telef. 22728 — 4000 PORTO • Execução de Unarte Gráfica, Lda. — Rua Barros Lima, 763 — 4300 PORTO

Distribuição: Mário Silva Braga, Lda. — Rua Duque da Terceira, 271 — 4000 PORTO • Tiragem: 5000 exemplares • Revista Mensal • Preço: 300\$00 • Assinatura: Anual: 3.300\$00



SÉRIE NOVA  
ANO VIII / Nº 9  
Dep. Legal nº 11457/86

CAPA: Adereço da Joalheria portuense de meados do século XIX (Obséquio de Baptista-Joalheiros e Antiquários, Lda.)

## SUMÁRIO

A ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE FAZ 140 ANOS — A PRIMEIRA GRANDE EXPOSIÇÃO — O QUE FÔI - 2.ª PARTE — por Francisco de Almeida e Sousa	258
EÇA DE QUEIRÓS REPOUSA EM TORMES	267
PRAÇA DA LIBERDADE: Da Praça Nova à emergência do novo Centro Social do Porto — por José Alberto Rio Fernandes	270
CAMILO E O PRIMEIRO LIVRO DE FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS — por Helena Cardoso de Macedo e Menezes	276
MEMÓRIAS LITERÁRIAS — por Paulo Samuel	278
... DAS BRUXAS PORTUENSES — por Jorge Campos Tavares	283
VIDA CULTURAL — NO CENTENÁRIO DA MORTE DE SOARES DOS REIS	285
UMA INOVAÇÃO REVOLUCIONÁRIA — O MARCONI PHONE CARD	287
MEMÓRIAS DOS ANOS TRINTA — por Ercílio de Azevedo	288

# PRAÇA DA LIBERDADE: DA PRAÇA NOVA À EMERGÊNCIA DO NOVO CENTRO SOCIAL DO PORTO\*

por JOSÉ ALBERTO RIO FERNANDES

O centro, coração e cérebro da cidade do Porto, é espacial e paisagisticamente marcado por um conjunto de espaços construídos, verdes e de circulação de veículos e peões que constituem um contínuo, toponimicamente subdividido em duas praças (da Liberdade e do General Humberto Delgado) e uma avenida (dos Aliados). Durante o dia, permanentemente congestionado de veículos, intensamente percorrido por peões, é igualmente palco das manifestações populares, das «festas políticas», dos grandes acontecimentos sociais. Sendo um espaço de elevada acessibilidade geral, atrai o interesse de inúmeras actividades económicas, cuja disputa por um lugar central conduz a uma segregação funcional a favor dos mais aptos a pagar os preços do solo, gerados por esta competição (designadamente: empresas financeiras, profissões liberais e comércios especializados).

Deixemos porém, de momento, estes problemas não pouco importantes para uma área vital do Porto — e por conseguinte de toda a cidade — e procuremos agora compreender o modo como se atingiu esta situação. Porque cremos que para entender o presente e prospectivar o futuro, importa conhecer o passado. Certamente que «não há certeza que o passado prediga o futuro, mas compreender o processo de mudança pode tornar o futuro mais gerível» (1), assim como pode conduzir a uma melhor compreensão dos benefícios e malefícios de uma determinada medida, ou da evolução de uma determinada tendência.

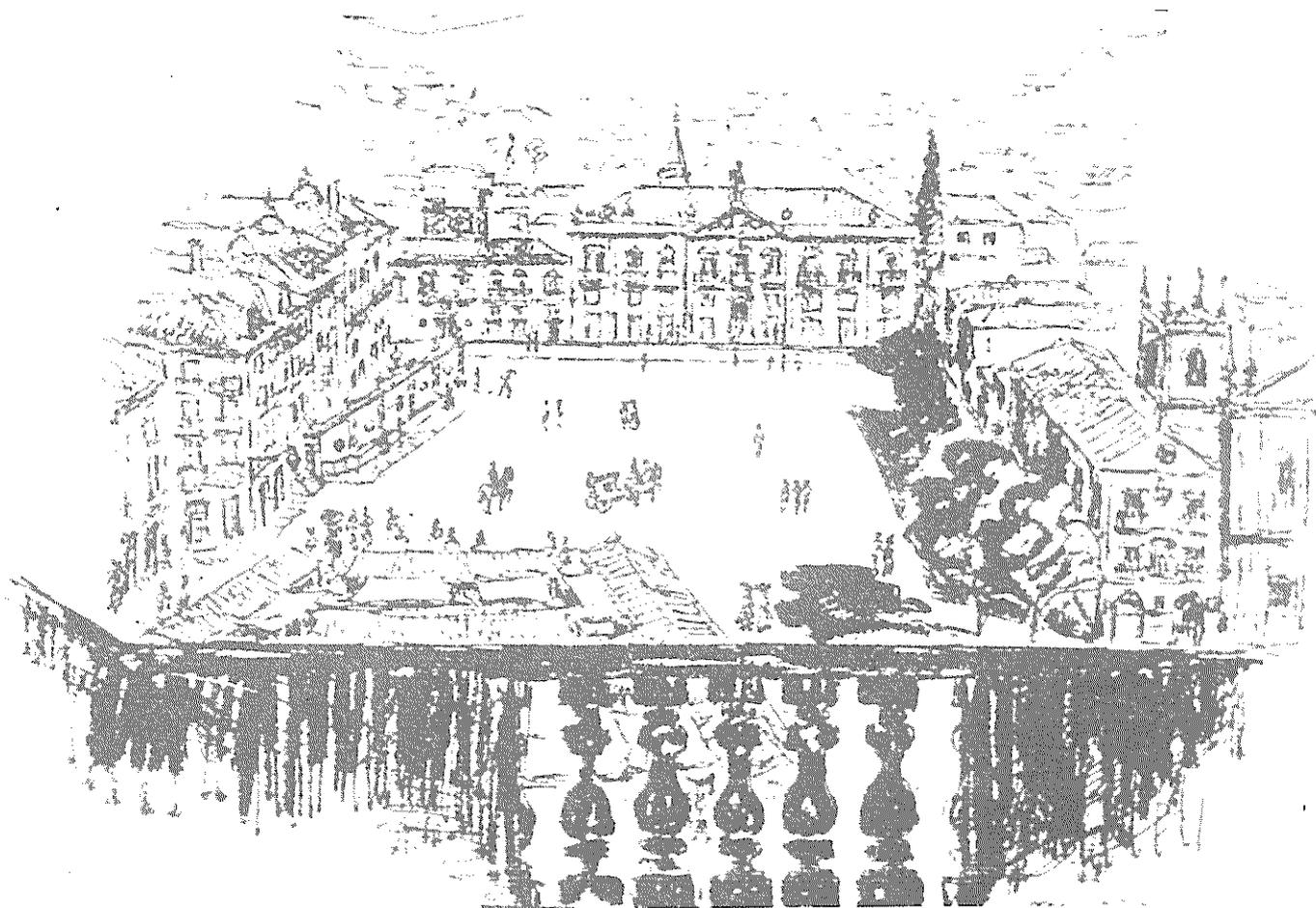
A primeira ilacção a retirar do estudo da evolução desta área é que ela, apesar de tão facilmente identificável na cidade (e até identificadora da própria cidade) é, de facto, muito jovem, remontando o início das obras de abertura da Avenida dos Aliados a 1916 e a conclusão do seu coroamento norte — o edifício dos Paços do Concelho — a 1956, (para não falarmos já no que foi o último edifício contruído neste espaço, a sede no Porto dos CTT-TLP). Até 1916 existia apenas a Praça da Liberdade e, mesmo esta, há bem menos anos que a grande maioria das ruas e praças que constituem o chamado centro histórico. Na realidade, ainda no início do século XVII, a área definida aproximadamente pelo que são hoje as ruas de Sá da Bandeira, Bonjardim e praças de Guilherme Gomes Fernandes, de Lisboa, dos Lóios e de Almeida Garrett, constituía uma única propriedade rústica — o Casal, ou Lugar de Pais Novais e as construções eram aqui em número muito

reduzido, pois que, dentro do recinto muralhado por ordem de D. Afonso IV, sobrava ainda espaço para construções e abundavam as hortas e pequenos campos. Junto ao muro (entre as portas de Carros e de S. Elói — actualmente lado sul da Praça da Liberdade), existia já, contudo, um incipiente «...mercado volante de que o algibebe Joane Anes seria talvez um dos fundadores no século XV» (2).



A área Central do Porto em 1813

Fonte: «Planta Redonda» de George Balck, Porto, C.M.P., 1982



A Praça Nova em princípios do século XIX

Fonte: Gravura de Gouvêa Portuense in Horácio Marçal — a Praça da Liberdade «O Tripeiro», V Sº, Ano IX, Porto, 1954, p. 339.

A cidade de então vivia entre a Sé e a Ribeira, acantonando-se de um e outro lado do Rio da Vila, com pequenas extensões em Miragaia e longe dos «logares» da Foz, Aldoar, Ramalde, Paranhos e de outros que constituíam pequenas aldeias e existiam no que é hoje o território municipal do Porto. O centro económico articulava-se entre a Praça da Ribeira e a Rua do Infante. A área hoje ocupada pela Praça da Liberdade, Avenida dos Aliados e Praça General Humberto Delgado era um arrabalde mais, onde a agricultura constituía, sem sombra de dúvidas, a actividade económica mais importante.

Só no ano de 1721 se formou extra-muros a Praça Nova das Hortas (ou simplesmente Praça Nova), em terreno que pertencia ao Cabido e que havia sido cedido à Câmara nesse mesmo ano, a 17 de Fevereiro. Estava na altura balizada, a oeste, pelas traseiras dos edifícios que fazelavam a Rua de Entre-Vendas (a nascente da do Almada, então Nova das Hortas) e, a leste, pelo Convento de Santo António da Porta de Carros (ou dos Congregados de S. Filipe de Nery), edificado em 1680. No espaço central, próximo do ângulo sudoeste, existia, junto à Fonte da Natividade (que havia resultado do melhoramento da Fonte da Arca), um mercado constituído por um conjunto de tendas, onde se comercializavam, sobretudo, fazendas e miudezas e se procurava tirar

partido da intensa circulação de pessoas que por aí passavam, em busca de água, ou em trânsito.

Anos depois, na sequência de um acordo com a Câmara, visando a abertura do Largo dos Lóios, os frades do Convento de S. Elói (os Lóios), modificaram completamente a fachada do seu convento, voltando-a para a praça recém-aberta. O conjunto construído sobre a parte da muralha para o efeito destruída, ficou desde então a fechar majestosamente a praça a Sul, enquanto que a Norte, se assistia por esta altura à edificação de dois belos palácios, um dos quais adquirido em 1816, pela Câmara, vindo o outro a pertencer-lhe também, meio século mais tarde. Aí se instalaria em 1819, para ficar até 1916, com uma breve interrupção apenas em 1832 (em período de intenso assédio da artilharia miguelista), quando se mudou, provisoriamente, para um edifício da Rua de Cedofeita e cerca de um mês mais tarde, para outro, na Rua da Torrinha.

Após o triunfo liberal, dá-se um rearranjo da ocupação dos imóveis, antes pertença das ordens religiosas então extintas e o imóvel meridional da praça (antes dos frades de Santo Elói — entusiásticos apoiantes da causa de D. Miguel), passa à posse de um particular, Manuel Cardoso dos Santos, enquanto que a poente se constróem diversas casas particulares de quatro andares e, no lado oposto, era demolida a torre da igreja conventual dos Congregados, por iniciativa do novo

proprietário do terreno, Manuel José Duarte Guimarães — «o Brasileiro» —, que no seu lugar procedeu à construção de prédios aptos a suportar a sua ocupação por actividades económicas.

No início do século XIX, «a Praça» (de D. Pedro desde 1833 e durante um breve período da Constituição), vai-se afirmando como centro económico e, sobretudo, social da cidade, em contraponto aos eixos Ribeira — Infante e S. Domingos — Flores que começam a acusar alguma perda de significado e prestígio, a favor de um espaço que esboça alguma afirmação como local privilegiado de reunião dos portuenses e como área preferencial de localização de actividades económicas emergentes e de abertura dos estabelecimentos mais requintados.

Deixam de se efectuar aqui as feiras da madeira (transferida, em 1838, para a Praça da Trindade) e da erva e palha (instalada no Largo do Mirante e mais tarde, após várias deambulações, junto do Mercado do Bolhão). Cessam, de igual modo, as utilizações deste espaço público para paradas ou exercícios militares. Desaparecem ainda, em 1833, as pequenas casas, lojas e barracas, existentes no sítio da Natividade, não sem forte resistência aposta pelos vendedores, forçados a migrar para junto da Porta do Sol, onde vão dar origem à «Feira da Ladra» portuense. Em suma, aliviam-se as ocupações «menores», de um local que começa a revestir-se de um significado cada vez maior no contexto da cidade, e que se adivinhava, desde que a acção de João de Almada e Melo e Francisco de Almada Mendonça, seu continuador, impulsionou o crescimento urbano para lá da muralha, «abrindo» a cidade para norte.

A envolvimento da Fonte da Natividade é, aos fins de tarde, parte importante do circuito dos passeios das famílias distintas e, de dia, por aí circula também um número cada vez maior de pessoas, que assistem à progressiva abertura de estabelecimentos comerciais diversificados.

A Rua das Flores (ligada à Praça de D. Pedro pelo lado ocidental, desde 1832) e mesmo a Praça da Ribeira, com os espaços envolventes, não tinham ainda perdido a sua grande importância económica, entenda-se. A Rua das Flores, nomeadamente, é uma importante artéria comercial da altura e até algumas décadas depois de entrado o século XX, constitui a rua onde se concentra a quase totalidade das ourivesarias do Porto (e ainda hoje não perdeu de todo a sua importância). Também o Largo de S. Domingos, a Rua do Infante, a Rua de S. João e a do Belomonte, por exemplo, possuíam inúmeros estabelecimentos comerciais, sedes de empresas, escritórios de advocacia e grande parte das sedes de bancos. A tendência estava já marcada, contudo, e apontava para a crescente perda de significado da cidade a cota baixa, a favor do novo centro a cota alta, que emergia.

Assim, em meados do século passado, a Praça de D. Pedro (agora beneficiada com um novo pavimento) é o centro de reunião de negociantes e, sobretudo, de intelectuais. O quartel-general era o Café Guichard, situado na fachada nascente da praça, não longe da esquina com o Passeio dos Congregados. Aí se reunia «...a rapaziada aliterada e desordeira (...) [e] houve uma época em que às noites eram ali certos, em volta de uma mesa, Camilo, António Girão, Ricardo Magalhães e Evaristo Basto...» (3).

A praça é já um importante centro da vida portuense.

Decide-se, entretanto, em 1862, e na sequência de uma ideia já antiga, a construção de uma estátua a D. Pedro IV e

a sua colocação no centro da praça. Elaborada pelo francês Anatole Calmels, fundida em Bruxelas, ela foi colocada no sítio que hoje ocupa, em 1868, aumentando a riqueza arquitectónica de um espaço que já então tinha o maior significado simbólico, com a Câmara a norte, a Igreja dos Congregados a leste e o edifício «da Cardoso» a sul.

A ocupação funcional marcava-se já, por uma certa importância das actividades ligadas às finanças e às profissões liberais, mas eram, sobretudo, os botequins que faziam desta área o principal palco da vida social de então. Aqui existiam, em 1882, diversos estabelecimentos que eram um misto de café, cervejaria e restaurante. Era o caso do Camanho, Porto-Club, Portuense, Europa, Cascata, Rainha e Porto.

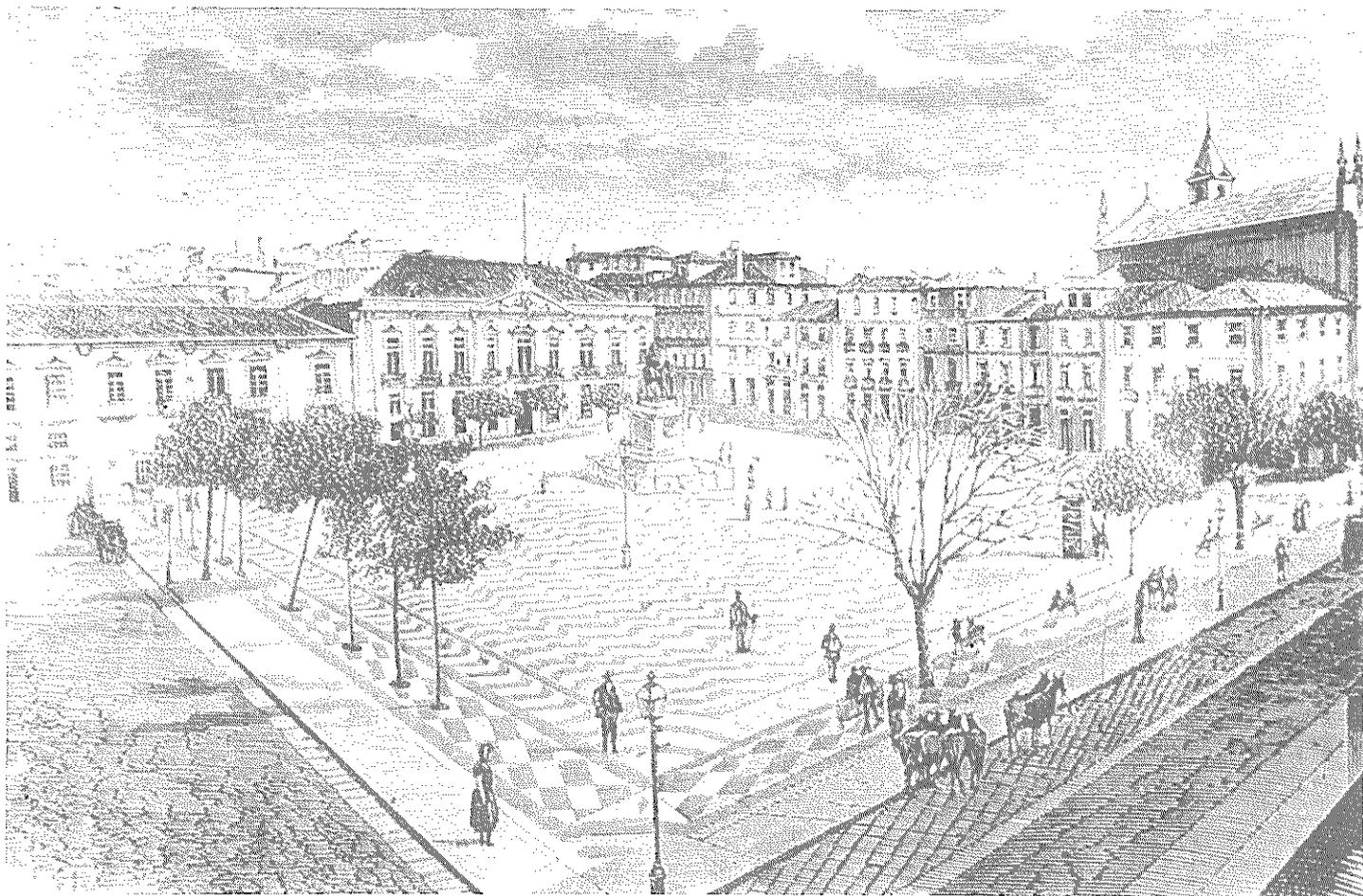
Do lado poente, onde hoje está o Banco de Portugal, a velha cervejaria Sá Reis e a Casa Navarro. Estávamos então em presença sobretudo de casas de pasto e modestos restaurantes, de entre os quais sobressaía apenas o Cascata. «De resto...», como conta Gomes de Amorim (4), «...na Praça de D. Pedro (praça nova do Porto), que é inquestionavelmente a melhor da cidade, [ao seu] lado ocidental (...) têm passado despercebidos os melhoramentos municipais».

Do outro lado, todavia, situavam-se algumas das casas do género, de maior renome: o Porto-Club tinha um ambiente requintado e um óptimo serviço de restaurante; o Portuense (que mais tarde mudou de nome para Suíço) era considerado



A praça de D. Pedro em 1839.

Fonte: Planta Topográfica da Cidade do Porto de J. C. Lima.



A Praça de D. Pedro há cerca de cem anos, fachadas norte (Câmara Municipal) e nascente.

Fonte: Eduardo Pires de Oliveira — *Imagens do Porto Oitocentista*, Porto, Arq. Histórico dos C.M.P./A.R.P.P.A., 1985.

o mais «fino» da cidade, mas sem dúvida que o Camanho era o estabelecimento mais marcante na vida desta área na cidade de finais do século, frequentando-o muitos nomes famosos do Porto de então. Também o comércio especializado e a banca tinham já aqui o seu lugar. Entre os estabelecimentos comerciais, destacavam-se as casas de fazendas (em número de 10), as miudezas, as ourivesarias, as célebres relojoarias de Pierre Girod, Germano Courrege e Azevedo & Cardoso e a famosa livraria Moré, «...a melhor do Porto, não só pela sua armação de madeira polida e estantes envidraçadas, como pela variedade e bom critério do seu fornecimento de livros» (5), onde eram clientes Camilo Castelo Branco, Augusto Luso e, mais tarde, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. Quanto à banca, se bem que o centro financeiro permanecesse ligado à proximidade do Porto, procurando as imediações da Rua do Infante ou do Largo de S. Domingos, existiam já na praça importantes casas bancárias, como as de Joaquim Pinto da Fonseca, João Evangelista da Silva Matos e a filial no Porto do Banco de Vila Real. Igualmente aqui, e bem no centro da Praça de D. Pedro, iniciou a sua actividade, com apenas um automóvel, o primeiro

serviço de taxis da cidade, sucessor do célebre alquilador Galiza que guardava os seus cavalos na Rua do Laranjal, nas traseiras do edifício camarário.

Assim, no virar do século, a praça, com os seus cafés, cervejarias e restaurantes a «vivificá-la», com as intensamente ocupadas e circuladas ruas de Sto. António e Clérigos a desaguar nela, o seu D. Pedro no centro, protegido por um belo gradeamento, exibindo do alto do cavalo a carta constitucional e com o «Domus Municipalis» a encimá-la, do alto da qual, a dominá-la, olha-a a célebre estátua do Porto (hoje exilada no jardim do Palácio), a praça era já, definitivamente, o «centro», a nova «baixa» da cidade, migrada para cotas mais altas, para o vale elevado do Rio da Vila que, de riacho pestilento, se tinha há pouco transformado em desaparecido curso de água sob a Rua de Mouzinho da Silveira.

Aqui se situava já, senão o principal centro financeiro, certamente que o centro cívico, o centro social, o centro humano afinal, desta cidade que crescia a olhos vistos, se industrializava e se modernizava. O passeio da Cardosa, mais ainda que o Camanho e a Livraria Moré, era o local predilecto de reunião no Porto. E tantos eram os que aí se concentravam,



A Praça de D. Pedro na passagem do Século, vendo-se a estátua do Porto no topo do edifício principal da Câmara e a de D. Pedro IV, símbolos importantes da praça e da cidade. Do lado esquerdo, em primeiro plano, o quiosque do Sebastião, «o correlegionário» e, mais atrás, a «praça» dos trens de aluguer.

Fonte: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto

cavaqueando, discutindo e desfrutando da animação do movimento dos passantes (ou talvez mais apropriadamente, das passantes, entre as quais pontificavam as costureiras da modista Ferin, que adquiriu grande notoriedade). Alguns chamavam-lhe o «aquário dos imbecis» (Guerra Junqueiro incluído), a maioria, o «pasmatório dos Lóios» enquanto que, outros ainda, costumeiros no local, criavam uma associação de estatuto incerto, a que chamaram de «Real Clube dos Encostados». Mas, o nome que perdurou foi sem dúvida o de Passeio da Cardosa (ou Cardosas, porque segundo alguns deriva das filhas do casal Cardoso, comprador do imóvel dos frades Lóios, e não da esposa), que chega até aos nossos dias, junto com o edifício e a estátua de D. Pedro. O resto desapareceu, ou alterou-se profundamente, como o ambiente desse espaço, ponto de reunião obrigatório de tantos, em frente do qual se exibiam cavaleiros, belas damas ou os primeiros automóveis do Porto. Espaço de encontro dos «notáveis», dos «criadores de opinião», a «Praça», em suma, era «...o termómetro onde o observador [podia ler] com

segurança a graduação quotidiana da vida elegante, da vida política, da vida literária, ou da vida boémia» (6) da cidade do Porto de finais do século passado.

#### Notas:

1) Ronald Savitt — *A Historical Approach to Comparative Retailing*. «Management Decision», Vol. 20, nº 4, Londres, 1982

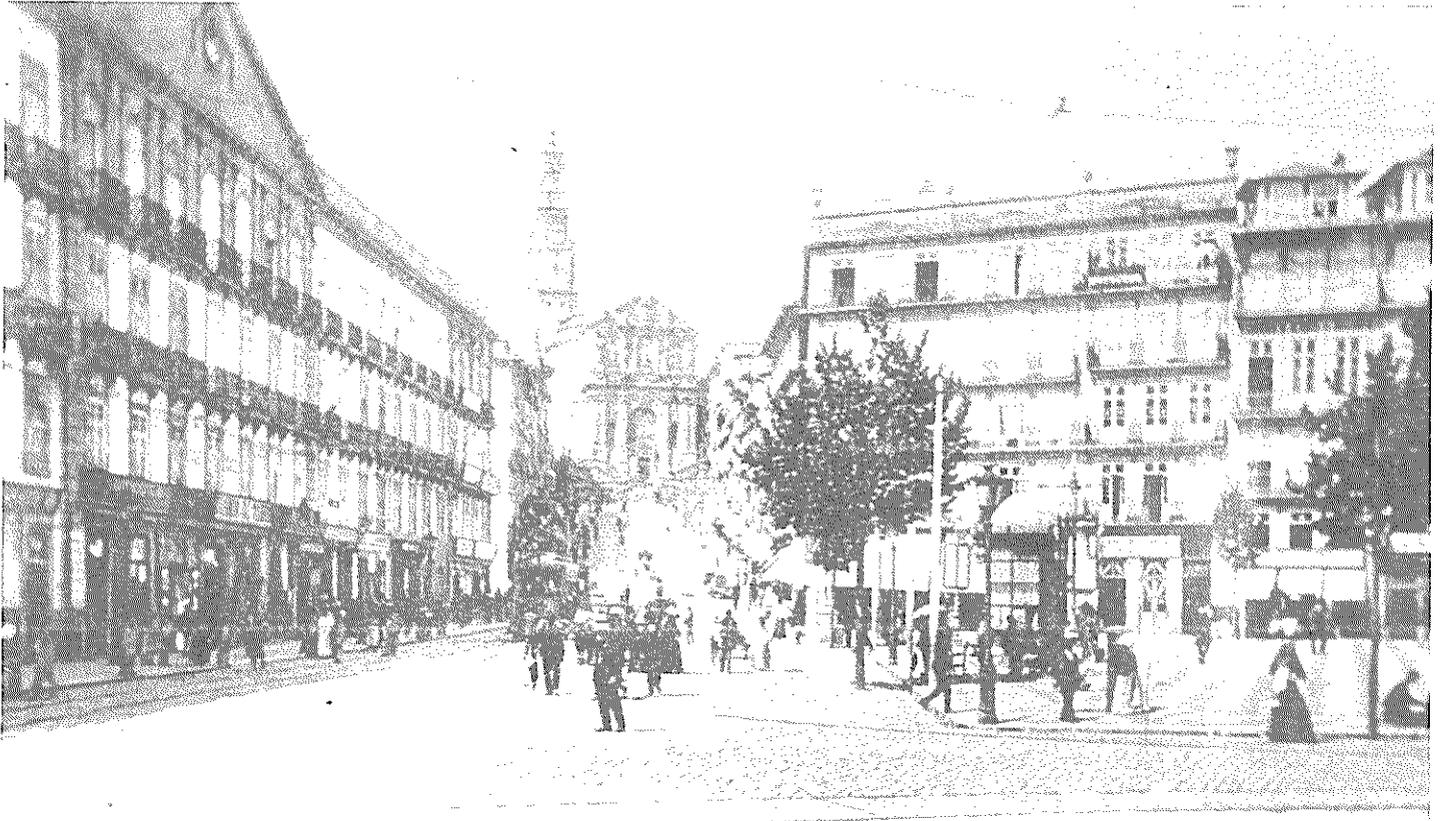
2) Alberto Pimentel — *A Praça Nova*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916, p. 34

3) A. de Magalhães Basto — *O Porto do Romantismo*, Coimbra, 1932, pp 133, 139

4) Gomes de Amorim, *O Porto em 1852. Fragmentos de uma Viagem ao Minho*, «O Tripeiro», Porto, série I, ano I, nº 26, 1909, p. 117)

5) Alberto Pimentel, *op. cit.*, p. 213

6) *ibidem*, p. 12



Fachadas Poente e Sul (Passeio da Cardosa)

Fonte: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto

#### BIBLIOGRAFIA

ALVÃO, Domingos E.S. — *A Cidade do Porto na Obra do Fotógrafo Alvão*, Fotografia Alvão, Porto, 1984.

AMORIM, F. Gomes de — *O Porto em 1852: Fragmentos de uma Viagem ao Minho*, Porto, «O Tripeiro», 1.ª série, vol. I, 1909.

BASTO, A. de Magalhães — *O Porto no Romantismo*, Coimbra, 1932.

DIONÍSIO, Sant'Anna (organ.) — *Guia de Portugal*, Coimbra, 4.º vol, Entre Douro e Minho, I — Douro Litoral, Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª edição, 1985.

FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha — *Para a História do Largo dos Lóios*, Porto, «O Tripeiro», 6.ª Série, vol. XII, 1966.

LEAL, Pinho — *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira e C.ª, 1874.

MANDROUX-FRANÇA, M. Thérèse — *Quatro Fases da Urbanização do Porto no Século XVIII*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1986.

MARÇAL, Horácio — *A Praça da Liberdade*, Porto, «O Tripeiro», 5.ª série, ano IX e X, 1954 e 1955.

MATOS, Armando de; SPRATLEY, Ricardo — *O Porto Histórico, Comercial e Industrial*, Porto, Empresa Águila, 1933.

OLIVEIRA, E. Pires — *Imagens do Porto Oitocentista*, Porto, Arquivo Municipal da Câmara Municipal do Porto — Associação Regional de Protecção do Património Cultural e Natural, 1985.

OLIVEIRA, J. M. Pereira de — *O Espaço Urbano do Porto: Condições Naturais e Desenvolvimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1973.

idem — *A Cidade do Porto como Centro Urbano Histórico*, Cadernos de Geografia, n.º 2, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1983.

PIMENTEL, Alberto — *A Praça Nova*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916.

REAL, Manuel; *História*, in «P. G. U. — Opções do Plano», Porto, Gabinete do Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal do Porto, 1984.

\* Artigo elaborado na sequência de uma comunicação apresentada ao Congresso «O Porto na Época Contemporânea» (Ateneu Comercial do Porto, Outubro de 1989).